

Resumo: O autor parte dos dois símbolos da autoridade dos Bispos, salientando em Dom Joaquim a Mitra da autoridade e, em Dom Afonso, o Báculo do pastor. Quanto a Dom Joaquim, recorda o “decálogo de sua missão”, exposto na carta pastoral de saudação aos seus diocesanos, em 1914. Comenta uma de suas visitas pastorais ao sul do Estado, quando realizou-se o “Congresso Catequístico Paroquial” de Nova Veneza, em 1941. Ressalta também a fidelidade de Dom Joaquim, especialmente através dos sermões meticulosamente preparados, à sua missão de proclamar a verdade da Fé. Quanto a Dom Afonso, o início do seu pastoreio, em 1965, coincidindo com os novos ares do Concílio Vaticano II. Na linha da “evangelização-serviço”, Dom Afonso não se furtou a atender aos mais diversos eventos de cidadania que lhe solicitaram a palavra.

Abstract: The author starts by commenting about two symbols of the authority of the bishops, stressing the mitre of authority in Don Joaquim and the staff of the shepherd in Don Afonso. As regards Don Joaquim he recalls the “Decalogue of his mission” published in the pastoral letter of his greeting addressed to the members of his diocese in 1914, in a comment about his pastoral visits to the South of the territory on the occasion of the “Parochial Congress of Catechists” in Nova Veneza, in 1941. Something quite outstanding in Don Joaquim is his mission to proclaim the truth of faith in his sermons meticulously prepared. As regards Don Afonso, mention is made at the beginning of his bishopric in 1965, coinciding with the new tendencies of the II Vatican Council. By stressing the aspect of service rendered by the evangelization, Don Afonso didn’t neglect attending the most different events of citizenship which begged for his words of guidance.

A Mitra do Magistério e o Báculo da Evangelização

*Celestino Sachet**

* O autor é ex-Reitor da UDESC, membro da Academia Catarinense de Letras e autor de inúmeros livros e artigos.



Para o Dicionário Houaiss, a mitra é um chapéu alto e largo que se afina no alto, formado por duas metades iguais, paralelas e separadas por um espaço, em duas fitas que escorrem sobre as espáduas do bispo nas solenidades mais importantes; báculo é um bastão alto de extremidade curva, usado pelo bispo como insígnia de sua missão.

A mitra e o báculo são duas peças importantes para a análise da atividade dos bispos, Dom Joaquim e Dom Afonso, que estiveram à frente da Igreja de Santa Catarina, entre 1914 e 1991: as duas datas podem ser tomadas como símbolo da atuação episcopal de cada um dos dois dignatários: a mitra, o magistério de Dom Joaquim; o báculo, a evangelização de Dom Afonso.

1914 e 1965

As duas datas afloram marcos significativos para a história contemporânea da vida da Igreja em nosso Estado. Em 23 de agosto de 1914, em São Ludgero, nasce Afonso Niehues, descendente de imigrantes alemães, segundo entre 12 irmãos, futuro bispo de Lages, a partir de 7 de maio de 1959, e arcebispo de Florianópolis, entre 30 de dezembro de 1965 e 16 de março de 1991.

Em 7 de setembro de 1914, o bispo português-paulistano, Dom Joaquim Domingues de Oliveira assume a diocese de Florianópolis e nela permanece até a morte, em 18 de maio de 1967.

O bebê que nasce em 23 de agosto, substitui o bispo que assume o cargo em 7 de setembro!

1965, também ocupa um espaço nobre na história da Igreja universal e de Santa Catarina, em particular. Em 7 de dezembro daquele ano, em Roma, o Concílio Vaticano II encerra suas atividades. E no dia 30, do mesmo mês, o bispo Dom Afonso passa a exercer atividades episcopais em Florianópolis.

Em cada uma das duas personalidades estão bem fortes as marcas do Concílio Vaticano I, entre 1869-1870 e do Concílio Vaticano II, 1962-1965.



Deveres do bispo

Na Carta Pastoral de 7 de setembro de 1914, a primeira, saudando seus diocesanos, no mesmo dia em que assume o novo ministério episcopal, Dom Joaquim divulga o decálogo de sua missão:

- Ordenar as fileiras dos soldados de Cristo;
- Disseminar a palavra de Deus;
- Dilatar a verdadeira fé;
- Promover a religião;
- Trabalhar com todas as forças pela Verdade e pela Justiça;
- Combater os erros; remover os grandes males;
- Executar as normas, os sacrossantos Cânones da Igreja;
- Promover e divulgar a boa Doutrina;
- Trabalhar com todas as forças pela Verdade e pela Justiça;
- Implantar bons costumes.

No decurso de sua longa atividade episcopal, Dom Joaquim entende que seu decálogo conta com a força constante das verdades da Igreja, expostas no Concílio Vaticano I: a divina Revelação, a palavra de Jesus Cristo e a ação do Espírito Santo.

Congresso Catequístico

Na sua costumeira e alongada Visita pastoral, como em todas as outras, marcadas por “enérgicas orientações”, entre 12 de junho e 23 de julho de 1941, durante 42 dias, portanto, d. Joaquim Domingues de Oliveira percorreu paróquias do Sul do Estado: Laguna, Tubarão, Jaguaruna, Nova Veneza, Criciúma e Pedras Grandes, oportunidade em que realizou mais de 13 mil crismas.

Em Nova Veneza, primeiros dias de julho, como nas vezes anteriores em que ali estivera – 1916, 1925 e 1929 – o dignatário é recebido com honras de *príncipe da Igreja*: palmeiras plantadas nos dois lados da única rua da vila, toalhas e panos bordados nas janelas da magra dezena de casas, cavaleiros em trajes endomingados, cavalos inquietos, sinos dançando no alto das torres da igreja matriz, foguetes berrando no ar, escolares em uniformes lavados e bem passados, crianças da Cruzada, jovens marianos com fita azul, Filhas de Maria em branco puríssimo,



velhotas e velhentos com fitas vermelhas do Apostolado da Oração, palmas, flores e discursos extravasam alegrias pela presença do Chefe maior de todos eles.

No dia 7, sua excelência reverendíssima integra as atividades do Congresso Catequístico Paroquial – promovido pelo vigário, cónego Miguel Giacca e sob os auspícios e a presidência do Visitante. O Congresso incorpora solenidades dos Cinquenta Anos de Fundação da Colônia Nova Veneza de 1891. O arcebispo e o vigário haviam tido a feliz ideia de consagrar o Congresso à Questão magna para o progresso religioso: a instrução do Catecismo.

A jornada abriu as solenidades com missa, celebrada pelo arcebispo, às 7h30 da manhã – em pleno inverno!

O programa continuou com o canto do Hino do Catecismo, entoado por mais de 600 crianças, e com as conferências:

- Beleza da doutrina cristã, pelo padre Bernardo Philippi;
- Importância e necessidade do Catecismo. Normas da Santa Sé e arquidiocesanas, padre João Reitz;
- A família, a escola e o catecismo, padre Augusto Zucco;
- Como tornar interessante o ensino do catecismo, padre Valmor Castro;
- Como a religião pode e deve ser ensinada segundo os processos didáticos recomendados pela psicologia educacional e pela pedagogia moderna, por Dom Joaquim.

Houve, ainda, duas intervenções de crianças:

- Diálogo sobre a presença real de Jesus na Eucaristia, por dois alunos;
- Juramento de fidelidade das crianças à santa Religião Católica e à sua Doutrina.

A tese de Dom Joaquim esteve baseada no pressuposto de que os métodos para o ensino da Religião não podiam ser inferiores aos do ensino profano, tanto na eficácia quanto na parte atinente aos mais modernos métodos didáticos para o conhecimento das ciências.

O conferencista tomou por modelo o método de ensino de Jesus Cristo que devia ser o melhor, o mais pedagógico, porque Ele devia ser, e era de fato, o melhor conhecedor da psicologia humana, afirmativa



garantida na Bíblia por João 2,25: *Jesus não precisava ser informado a respeito do ser humano. Ele bem sabia o que havia dentro do homem.*

Ninguém, dentre os participantes do Congresso, se deu conta de que as palestras foram apresentadas só por membros da hierarquia religiosa.

A verdade religiosa

O magistério de Dom Joaquim dedicou-se igualmente à difusão das escolas católicas como meio eficaz de contrabalançar as funestas consequências da mentalidade do ensino profano. E fundou duas delas na Capital: os grupos escolares “Arquidiocesano São José” e o “Padre Anchieta”. Para sua excelência, era pela religião que a criança aceitava os conceitos da sinceridade de coração, retidão da consciência, urbanidade e civilidade. E chegou a divulgar uma Carta pastoral sobre o problema da Instrução, em 7 de setembro de 1920.

Outra face da missão escolar de Dom Joaquim, segundo ele próprio, era dilatar o conhecimento da verdade religiosa, que liberta, porque ela é a verdade soberana e complexa.

Na defesa da verdade que liberta, o arcebispo dedicou boa parte das homilias, dos sermões e dos artigos que escreveu para os jornais da Capital, entre eles:

- A nossa fé e o Deus de nossa fé, 1937;
- A juventude e a educação para a fé, 1944;
- Cristo, o verdadeiro reformador social, 1948;
- Dilate-se o campo da verdade, 1948.

A grande missão de Dom Joaquim consistia em *Salvar a verdade da Revelação frente ao racionalismo que parecia querer negar a própria revelação cristã.*

A atividade episcopal parece abraçar a tese de São Tomás de Aquino – 1225-1274 – que é notória a superioridade da cabeça sobre os demais membros do corpo humano, já que ela é fonte da ordem, da perfeição e do poder.

Sobre sua cabeça o bispo ostenta a mitra que aponta para o Alto, para a sua humana adesão às verdades da divina Revelação, contidas nas



Escrituras, vividas por Jesus Cristo e confirmadas pela ação do Espírito Santo.

Dom Joaquim faleceu em 18 de maio de 1967. O cargo foi imediatamente assumido por Dom Afonso, arcebispo coadjutor, com direito à sucessão. Ele já estava na arquidiocese desde 30 de dezembro de 1965.

Ide para a vinha

A entrada de Dom Afonso para a cabeça pensante da arquidiocese de Florianópolis abre as portas de outra era, na história contemporânea da Igreja em Santa Catarina: o bispo “*Dei Filius*”, do Concílio Vaticano I, 1869-1870, é substituído pelo bispo “*Dei populus*”, do Concílio Vaticano II, 1962-1965.

Dom Joaquim mostrou-se preocupado com inovações ousadas introduzidas na vida interna da Igreja, como a eliminação da obrigatoriedade do uso da batina e da utilização do latim, como língua oficial das cerimônias religiosas. Preocupação, também, porque a teologia-Filho de Deus, de 1870, vinha acompanhada agora pela teologia-Povo de Deus, de 1965.

Eminentemente pastoral, o Vaticano II dá à Igreja um novo modo de olhar o mundo, marcado pela Evangelização da solidariedade, do ecumenismo, do diálogo, do olhar e da caminhada passo a passo com outras denominações religiosas, como as igrejas evangélicas.

Dentro da dinâmica da Evangelização pós-1965, Dom Afonso empunha o báculo e, extra muros, entra na vinha do Senhor e age como bispo de um novo tempo. No sermão proferido na catedral diocesana de Chapecó, por ocasião do Jubileu de Prata Sacerdotal de Dom José Gomes, bispo da referida diocese, em 8 de julho de 1972, o conferencista convidado proclama que a (nova) Igreja é uma sociedade que necessita, como qualquer outra, da presença da autoridade que tudo anime, tudo ordene e, finalmente, decida. Mas autoridade nascida da ideia de serviço, e não da ideia de dominação intelectual ou teológica.

Nessa linha de evangelização-serviço, o novo arcebispo de Florianópolis apoiou-se na frase de seu brasão – *Ite in vineam meam* – e no báculo que o acompanha. Sempre a convite, o conferencista entra fundo na alma e na fê do povo de Deus, em Lages, em Itajaí, em Antônio Car-



los, em Campos Novos, em Angelina, em Jaraguá do Sul, em Joinville, em São Ludgero, em Nova Trento, em São Pedro de Alcântara. E, até em Curitiba!

Enquanto percorre cidades do Estado, Dom Afonso convive com cidadãos e eventos da cidadania que lhe solicitam a palavra:

- Pela superação do preconceito racial, no Primeiro Congresso Catarinense de Negros, 1967;
- Querer amar e produzir a paz, 1968;
- A comunicação a serviço da verdade, no dia da Imprensa Catarinense e Inauguração da Casa do Jornalista Catarinense, 28 de julho, 1968;
- O governo existe para o bem comum. Ação de Graças pelo término do governo de Ivo Silveira e a posse do governador Colombo Machado Sales, 15 de março de 1971;
- O amor que nada poderá separar. Missa de Ação de Graças, pelo Jubileu de Ouro Matrimonial de Eugênio Raulino e Zita Koe-rich, 1973;
- Ano do centenário de Jaraguá do Sul, 1976;
- Centenário de nascimento de Alberto Santos Dumont, Base Aérea de Florianópolis, 1978;
- A justiça é inseparável da caridade, nos 90 anos de fundação do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, 1981;
- Não há conflito entre saber e crer, Univali, Itajaí, 1982;
- Compreensão e paz mundial, Rotary Internacional de Itajaí, 1982;
- A vocação do homem é ser a imagem de Deus, 1988;
- Para que todos sejam um, discurso no Concílio da Igreja Evangélica Luterana, Brusque, 1988;
- Pedro Ivo Figueiredo Campos. Missa de sétimo dia de falecimento, 5 de março de 1990;
- A justiça, fundamento do Estado e do Direito, Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.



Brilho do magistério e da evangelização

A mitra do Concílio Vaticano I – século XIX – simboliza a autoridade da Igreja que se impõe pelo poder da tradição e pelo medo do inferno; o báculo do Concílio Vaticano II – século XX – simboliza a humildade do pastor que sai em busca de novos fiéis para as fileiras da Igreja. Mesmo que, aparentemente, antagônicos, os dois símbolos cumprem a missão de levar a palavra de Deus a todos os homens, em todos os tempos.

O magistério de Dom Joaquim, magistério-catecismo para o fiel cristão filho de Deus, fundamental para os tempos de 1914, encontra novas fontes na evangelização, para o fiel cristão Povo de Deus, nos anos de 1965.

Cada bispo, a seu modo e no seu tempo, exerceu mandato de mestre do século XIX e de peregrino na Igreja do Século XX, Igreja “*Lumen Gentium*”, Igreja Luz dos fiéis e dos povos, a iluminar todos os homens – todas as mulheres –, com a claridade de Cristo, que resplandece na face do Criador e brilha nas necessidades da criatura.

Endereço do Autor:

Rua Alves de Brito, 447, apt. 801
88015-440 Florianópolis, SC